

DE PEÇA DE ROUPA PARA GÊNERO DISCURSIVO: UMA DESCRIÇÃO DO GÊNERO CAMISA DE FORMATURA DO ENSINO MÉDIO¹

6

Denise Giarola Maia²
Maria Carmen Aires Gomes³

RESUMO: A camisa, a princípio, era usada apenas como roupa de baixo para proteger o corpo das mudanças de temperatura, mas, em virtude das transformações sócio-históricas e culturais sucedidas nas últimas décadas do século XIX, ela foi adquirindo alguns aspectos linguístico-discursivos que hoje nos levam a refletir se a camisa seria um novo gênero discursivo ou um suporte para outros gêneros. O presente artigo, portanto, visa a descrever o funcionamento do gênero discursivo situado camisa de formatura do terceiro ano (doravante CF), discutindo as relações entre gênero e suporte. A CF constitui objeto de especial interesse por ser uma prática frequente na esfera escolar dos dias atu-

ais, além de refletir as representações socioculturais que os alunos têm das realidades do mundo. Dividimos este artigo em duas partes: na primeira, fazemos um esboço dos pressupostos teóricos e metodológicos da análise de gêneros (BAKHTIN, 2000; BAZERMAN, 2005; MARCUSCHI, 2003a, 2003b e 2005). Na segunda, configuramos os elementos de análise, tais como: estrutura visual, esfera de comunicação, finalidade comunicativa, estilo, tema e estrutura composicional. Para este propósito, selecionamos aproximadamente 30 (trinta) CFs e alguns comentários postados em três fóruns de discussão na Internet, com o seguinte tópico: frases de camisas de formatura para compor o nosso *corpus*.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero discursivo. Camisa de formatura. Elementos linguístico-discursivos.

I. CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS DISCURSIVOS E SUPORTE

Nas últimas décadas, temos privilegiado as propostas para a análise dos gêneros, em que estes gêneros não são estudados à parte da vida social e não são

¹ Este artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica “Camisa de formatura do terceiro ano do Ensino Médio: gênero ou suporte?”, apoiado pelo Pibic/CNPq.

² Graduanda do curso de Letras da UFV. Bolsista do programa de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

³ Mestre e doutora em Estudos Linguísticos/Análise do Discurso pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora da Universidade Federal de Viçosa.

descritos apenas pela sua forma, mas são correlacionados às esferas de atividade humana, mais especificamente às situações de interação verbal que ocorrem nelas. Pois, somente na interação verbal é que conseguimos apreender a constituição e o funcionamento do gênero.

Opondo-se à concepção dos estruturalistas de língua como sistema, Bakhtin (2000) propõe a noção de língua sob uma perspectiva dialógica, em que sua constituição e existência se dão na interação verbal, ou seja, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, relacionada pela enunciação ou enunciações”. (BRAIT, B., 2002 apud BRAIT, B., 2006, p. 138).

Entende-se que o processo de interação verbal não é simplesmente a produção fônica de mensagens pelo locutor, ouvidas por um parceiro passivo que compreende os sons enunciados, mas toda enunciação se realiza numa situação comunicativa imediata, num determinado contexto histórico-social e por sujeitos com propósitos comunicativos e que agem e interagem entre si por meio da língua.

O produto deste processo, enunciação, é o enunciado que difere da frase, sequência de palavras organizadas conforme a sintaxe, compreendendo uma unidade de comunicação, uma unidade de significação.

Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que são únicos dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações ‘enunciativas’ (BRAIT, B., 2005, p. 63).

Nenhum enunciado é exatamente igual ao outro, ou seja, mesmo que o indivíduo repita diversas vezes um mesmo conteúdo, seus enunciados serão construídos de maneiras distintas, conforme a situação e os interlocutores presentes nela. Imaginemos um professor de literatura de duas turmas do terceiro ano do Ensino Médio, cuja aula elaborada é sobre o movimento modernista brasileiro. Conforme o interesse pelo assunto e o conhecimento que seus interlocutores têm acerca dos autores, obras e contexto histórico, o professor dará aulas totalmente diferentes, embora o assunto seja o mesmo. Isto demonstra como os enunciados são únicos em cada momento histórico, implicando, além de fatores estritamente linguísticos, situações extraverbais.

Os enunciados refletem as condições específicas e as finalidades das situações de interação das esferas em que são produzidos, por meio do seu *tema, estilo verbal e construção composicional*. Desde modo, alguns enunciados apresentam certos traços ou regularidades comuns. Bakhtin (2000, p. 279) os define de gêneros do discurso: “*tipos relativamente estáveis de enunciados*”.

Quando somos inseridos numa determinada esfera de atividade humana, onde há necessidade de nos comunicarmos, construímos nossos enunciados de acordo com as exigências e condições de uso da língua naquela esfera, isto é, adaptamos

nossas formas de ação e interação sociais de acordo com as exigências da esfera. Por isso, Bakhtin (2000) atribui aos enunciados este aspecto estável, contudo, veremos que para ele o mais importante é a condição de relatividade dos gêneros, pois, “do ponto de vista enunciativo e do enquadre histórico-social da língua, a noção de *relatividade* parece sobrepor-se aos aspectos estritamente formais e captar melhor os aspectos históricos e as fronteiras fluidas dos gêneros” (MARCUSCHI, 2003a, p. 17).

Segundo Barzerman (1994 apud MARCUSCHI, 2005, p. 18), “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gênero a cada momento do tempo, seja pela dominação, instituição ou regulamentação”. Então, a melhor maneira de estruturar nossos enunciados “é agir de modo típico, modos facilmente reconhecidos como realizadores de determinadas circunstâncias” (BARZERMAN, 2005, p. 29).

Devemos usar padrões comunicativos com os quais as pessoas estão familiarizadas, permitindo facilmente o reconhecimento do que estamos dizendo e o que pretendemos realizar. Ou seja, devemos tipificar as situações nas quais nos encontramos. Essas formas tipificadas são os gêneros. No entanto, a tipificação não deve ser considerada aqui como formas prontas para o uso, ao contrário, os gêneros são tipificações dinâmicas, históricas e interativas.

Quando dizemos que os gêneros são fenômenos históricos e socioculturais, admitimos que eles surgem conforme as necessidades e atividades de uma comunidade discursiva e desaparecem pela ausência de condições sociocomunicativas que os engendram. Isto significa dizer que os gêneros não são os mesmos em todos os momentos da história (são relativamente estáveis) e nem que todas as sociedades possuem os mesmos gêneros.

As inovações tecnológicas se multiplicaram e inovaram os gêneros em nossa sociedade, o que nos permite dizer que alguns gêneros de hoje não são os mesmos, ou não existiam duzentos anos atrás. Ao mesmo tempo, uma comunidade discursiva que não faz uso dessas tecnologias será totalmente alheia a esses gêneros. Observe, portanto, que as novas tecnologias, televisão, celular, computador, internet e outras, por si só não produzem os gêneros. O aparecimento deles se dá devido à intensidade do uso destas tecnologias e suas influências nas atividades comunicativas.

Quanto aos novos gêneros produzidos, Marcuschi (2003a, p. 20) lembra-nos que “são formas inovadoras, mas não absolutamente novas”. Um gênero é sempre a transformação de um gênero do passado, como no caso do chat-agendado MSN. Esse gênero tem como seu antecessor uma conversação face a face, pois é essencialmente marcado pela alternância dos sujeitos enunciativos.

Como vemos, nossa sociedade é composta por diversas esferas de atividade humana: escolar, literário-artística, científica, publicitária, religiosa, jurídica, política, econômica entre outras, em que determinadas práticas que podem ou não ser discursivas são realizadas pelo homem. Dentro da esfera familiar, por exemplo, cozinhar é uma prática social que, apesar de parecer mais uma atividade física, envolve também certas práticas discursivas: receitas, listas de compra, cardápios e dietas que são considerados gêneros.

Nossas práticas sociais são geradoras de inúmeros gêneros que refletem

nossos propósitos comunicativos e que também organizam e governam nossas ações. No exemplo acima citado, a receita ensina como se deve cozinhar e quais os ingredientes que a pessoa precisa comprar.

Bazerman (2005) preocupa-se, sobretudo, com um estudo da circulação dos diversos gêneros produzidos numa dada instituição. Desse modo, conceitos, tais como conjunto de gêneros e sistema de gêneros, são importantíssimos para o entendimento de sua proposta.

Barzerman (2005, p. 32) compreende um conjunto de gêneros como uma “coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel social tende a produzir”. Por exemplo, um professor universitário precisa elaborar o programa da disciplina, as aulas, os textos, a lista de presença que são alguns dos gêneros produzidos por ele.

Já um sistema de gêneros é caracterizado como “os diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada e também relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos” (BARZERMAN, 2005. p. 32). Na universidade, então, o professor elabora o programa da disciplina, as aulas, os textos, enquanto os alunos fazem anotações no caderno e a partir destas desenvolvem suas pesquisa e conseqüentemente publicam artigos para revistas científicas. Podemos notar assim a sequência de textos produzidos em decorrência das atividades desenvolvidas na sala de aula.

O sistema de gêneros, portanto, é também parte de um sistema de atividades de certa esfera. Em algumas atividades, dominam os gêneros orais, em outras, os escritos. Já em algumas atividades, os aspectos físicos assumem um papel mais central, enquanto os gêneros orais e escritos, uma posição mais periférica, caso da atividade de cozinhar citada acima.

As ideias de Bakhtin e, posteriormente, dos seus seguidores levaram, portanto, ao abandono da teoria dos gêneros na reflexão literária que persistia na visão normativa e rígida das formas, dando credibilidade para a *função comunicativa dos gêneros*.

Certos gêneros se definem melhor pela sua forma, outros pelas suas funções e ainda pelo suporte ou ambiente em que são circulados. Neste último caso, tomamos como exemplo o texto “*Maria, encontre comigo na biblioteca ou me ligue*”. Se este texto for escrito em uma folha de papel, teremos o gênero bilhete. Mas, se, ao invés do papel, o locutor preferir utilizar o celular, teremos o gênero mensagem de celular. Se ainda usar o computador, então, as possibilidades são maiores, podendo o gênero ser um e-mail, um recado no Orkut ou um fragmento de um bate-papo. Temos um mesmo texto, mas não um mesmo gênero, já que estes têm suportes diferentes.

A valorização de um gênero pode se dar pelo seu suporte, por exemplo: um texto publicado numa revista científica tem mais prestígio que um texto publicado num jornal diário. O primeiro trata de um artigo científico, enquanto o segundo é um artigo de divulgação científica. Assim, os gêneros obedecem a uma hierarquia de valores. No exemplo acima, embora os textos sejam iguais, terão valores diferentes para a comunidade científica. Por isso, Marcuschi (2003a, p. 21) atenta para a “cautela quanto a

considerar o predomínio de formas ou funções para a determinação e identificação de um gênero”.

A respeito do suporte, Marcuschi (2003b, p. 1) afirma que “todo gênero tem um suporte, mas a distinção entre ambos nem sempre é simples e a identificação do suporte exige cuidado.” O mesmo autor confessa que em trabalhos anteriores havia identificado o outdoor como gênero, hoje, admite que ele é um suporte para os gêneros publicitários.

Suporte é então uma espécie de elemento em que o gênero se fixa e que está encarregado de pôr esse gênero em circulação. Sendo assim, uma folha de papel, um livro, uma embalagem, uma parede, um muro, um tronco de árvore, a Internet e até mesmo o corpo humano podem ser suportes para algum gênero. No entanto, esses suportes não são caracterizados igualmente.

Segundo Marcuschi (2003b), existem os suportes convencionais - aqueles que foram desenhados para esta finalidade, isto é, para portarem ou fixarem textos - e os suportes incidentais - aqueles que por alguma situação específica trazem um texto, mas não são destinados a esse fim de modo sistemático. Portanto, são exemplos de suportes convencionais, a folha de papel, o livro, o jornal, a revista, o rádio, a televisão, o telefone, o quadro de avisos, o outdoor e a faixa. Já suportes incidentais são a embalagem, o paracheque e paralamas de caminhão, o corpo humano, a parede e a calçada.

Marcuschi (2003b, p. 9) identifica outros aspectos quanto aos suportes e sua relação com os gêneros. Ele diz que, “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele”.

Os suportes possuem um formato específico que, muitas vezes, impede que qualquer gênero se porte neles, por exemplo, as frases e provérbios se fixam perfeitamente no paracheque de caminhão, o que não ocorre com a reportagem que se fixa em outro suporte, como o jornal. Além disso, conforme o suporte em que um determinado texto se fixa, sua recepção será totalmente diferente, caso de uma declaração de amor escrita nas nuvens, numa folha de papel ou gravada na secretária eletrônica.

Há ainda a questão da *reversibilidade de função* que ocorre quando um gênero se fixa num outro suporte e assume certos propósitos ali que não dizem respeito à sua finalidade comunicativa, citando o autor como exemplo a receita no livro didático de Língua Portuguesa. Lá, ela não perde sua finalidade comunicativa (instrução), mas adquire o propósito de operar como exemplo para a produção e compreensão textual.

O trabalho de Marcuschi (2003b) é uma tentativa de aprofundar o entendimento da noção de suporte e sua relação com os gêneros discursivos. Contudo, há ainda muitas questões a serem discutidas, principalmente no que diz respeito aos suportes orais.

Passamos agora, portanto, a considerar, com maiores detalhes, a constituição e funcionamento da CF, na tentativa de descrevê-la como um gênero e discutir as relações entre ela e seu suporte.

2. DESCRREVENDO O GÊNERO CAMISA DE FORMATURA

A camisa é uma peça de roupa indispensável na vida do homem, especialmente do brasileiro, em virtude das condições climáticas do país que favorecem seu uso. A origem da camisa data de meados do século XVIII, como a Revolução Industrial e o surgimento de lançadeiras que tornaram a produção de tecidos mais prática e acessível. No Brasil, a atividade de fabricar tecido já era desenvolvida nos tempos coloniais. Existiam por aqui algumas indústrias de tecido baseadas em teares domésticos, mas que, por ordem da Corte Portuguesa, que queria manter o monopólio da produção têxtil, foram queimadas e permitida apenas a fabricação de tecidos grosseiros para vestir os escravos. Por volta do século XIX, o país atravessou um período de industrialização, no qual foram instaladas algumas fábricas de produção têxtil nos estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A camisa até os anos 50 era usada apenas como roupa de baixo para proteger o corpo das mudanças de temperatura. Mas a partir dos anos 60, em virtude da Guerra no Vietnã, a camisa foi adotada pela juventude como símbolo de contestação, transformando-se em porta-voz de mensagens que ironizavam os valores impostos pela sociedade. “De todas as palavras de ordem que nos anos 60 circulavam amplamente nos Estados Unidos estampadas nas camisetas dos jovens, a mais célebre, a mais popular e a mais sugestiva foi, sem dúvida, **Make Love Not War**” (MARCIEL, 1988, p.65, grifo do autor). Já nos anos 70, a camisa marcou os protestos pacifistas e antinucleares em defesa do meio ambiente e foi adotada como traje natural das militantes do Women’s Libetration Front, justamente por ser uma peça de roupa unissex. Ela ainda teve participação na campanha por eleições presidenciais diretas no Brasil, em 1984.

Segundo Marciel (1988, p. 69), “hoje, a camiseta serve a todas as causas e não, discriminadamente, às mais libertárias, como em outros tempos”. A indústria do marketing, por exemplo, descobriu na camiseta um novo e versátil veículo de comunicação de mensagens de propagandas, na categoria do que os americanos chamam de “merchandising” – promoção que se faz, via a utilização de um produto. Um curso de idiomas, por exemplo, pode distribuir camisas para as primeiras pessoas que efetuarem suas matrículas. Neste caso, a camisa, além de um brinde promocional, serve como veículo para a divulgação do estabelecimento.

Além das camisas de divulgação de eventos, de estabelecimentos, de candidatos político e/ou de uma corrente de pensamento, temos ainda as camisas dos jogadores que orientam os parceiros da atividade (jogadores e torcedores) a compreender a partida. Ou seja, a camisa estampa é produzida hoje em outras situações de interação, em outras esferas de atividade humana, além daquela que lhe deu origem.

De acordo com Joffily (1988, p.13), a camisa “é um eterno papel em branco, nela tudo pode ser escrito, tudo pode ser estampado. Cada pessoa vai encontrar o que deseja dizer, na forma que deseja dizer”. Elas são definidas como “verdadeiros **outdoors** ambulantes” (BARROS, 1988, p.56, grifo do autor).

Desse modo, quando pensamos na natureza da camisa com frase estampada, logo a definimos como um suporte para os gêneros publicitários. Daí, as comparações da camisa com os suportes: folha de papel e outdoor. Não descartamos esta possibilidade de a camisa ser um suporte, contudo, devemos atentar para sua caracterização, pois a folha de papel e o outdoor são suportes convencionais, enquanto a camisa surgiu numa situação específica (nos protestos políticos), funcionando como suporte para os *slogans*. Portanto, ela seria um suporte incidental, já que não foi desenhada para o fim de comportar um gênero.

Marcuschi (2003b) define as roupas entre os suportes incidentais. Vejamos o que ele diz a este respeito:

Embora me decida pelas roupas como suportes, não parece muito claro se devemos tomá-las como tal, por exemplo, uma **camiseta**. Ela parece ser um suporte de gêneros, já que hoje em dia porta textos dos mais variados gêneros, como *poemas*, *provérbios* etc. Mas a camiseta não traz de maneira sistemática textos e talvez devêssemos restringir este aspecto. Além disso, se considerarmos a *camisa de jogador de clube de futebol*, temos aqui uma estrutura fixa com nome do jogador nas costas, o emblema do time na frente e opcionalmente uma publicidade. Já uma *camisa de jogador da seleção nacional* não tem publicidade e vem padronizada. Parece que estes dois tipos de camisetas são gêneros e não suportes. Outras roupas (casacos, gravatas, calças, vestidos, meias, roupas íntimas) têm inscrições variadas, mas em escala mais reduzida que as camisetas. [p. 22 grifo do autor]

Como podemos observar, há uma incerteza ao definir a camisa como um suporte ou gênero. Em algumas situações, ela parece ser apenas um suporte, enquanto em outras, parece constituir um novo gênero. Diante deste impasse, levantamos algumas hipóteses:

A) A peça de roupa camiseta, no formato de T, daí, no inglês a tradução *T-shirt*, é um suporte para alguns gêneros. Encarada como um suporte, os gêneros que a ela se fixam não ficam indiferentes, sofrendo algumas restrições: “pouco espaço para a mensagem e rapidez de leitura, sendo desaconselhados textos longos ou ilustrações complicadas. Da mesma forma que um cartaz de rua, quanto mais simples melhor” (JAPIASSU, 1988, p. 87).

B) Tanto a camisa de jogador quanto a CF são gêneros discursivos inovadores que admitem exclusivamente como *suportes de circulação* apenas as *T-shirts*. Adotamos como suporte de circulação de um gênero aqueles suportes em que o gênero assume sua finalidade comunicativa. Por exemplo, no caso da receita, o livro de culinária ou a embalagem de um produto são seus suportes de circulação, enquanto o livro didático não, pois ali assume outros propósitos – *reversibilidade de função* (MARCUSCHI, 2003b). Assim, a CF é produzida a princípio numa folha de papel, ou

num programa de computador (*Corel Draw*) ou em sites na internet, onde, embora ela já possa ser reconhecida como gênero CF, em virtude de sua estrutura *relativamente estável* (BAKHTIN, 2000), assume nestes suportes o propósito de “rascunho”. Somente quando estampada na *T-shirt*, seu propósito comunicativo é definitivamente alcançado.

C) A CF é um hipergênero, pois há sobreposição entre gênero e suporte, não sendo possível uma distinção nítida. Segundo Bonini (2005, p.65), “um gênero pode ser convenionado como suporte de um outro gênero (ou de outros)”. É o caso, por exemplo, do jornal, um suporte convenionado que o autor tem denominado de hipergênero, uma vez que é um gênero constituído por vários outros.

Ater-nos-emos agora à organização dos traços linguístico-discursivos das CFs, a partir de elementos de análise, tais como estrutura visual, esfera de comunicação, finalidade comunicativa, estilo, estrutura composicional e tema, conforme propõe Bakhtin (2000), para verificarmos a coerência das hipóteses acima levantadas.

Selecionamos aproximadamente 30 (trinta) CFs⁴ do Ensino Médio para compor nosso *corpus* e também alguns comentários postados em três fóruns de discussão na internet, com o seguinte tópico: frases de camisas de formatura. Acharmos esses comentários relevantes, pois eles evidenciam como os parceiros se interagem na realização da CFs e também o conhecimento que os mesmos possuem da situação comunicativa e dos traços linguísticos que envolvem o gênero.

As CFs possuem uma *estrutura visual* tão determinada, que permite rapidamente o reconhecimento do gênero. Este se comporta de *frente* e *costas*, também denominada *atrás*. Observe a habilidade que os alunos possuem nesta configuração, identificada no comentário abaixo:

uia, engraçado ver esse tópico, decidimos hj a frase da nossa vai ser assim: “Façam logo seus últimos pedidos...” < **na frente**” ...pois os gênios estão indo embora” < **atrás** ae vai desenhar um gênio e escrever os nomes na lâmpada⁵ [grifos nossos]

É característica das CFs um *enunciado* que tem início na frente e termina nas costas. Geralmente, o enunciado se localiza na parte superior da camisa e sua fonte é diferente, permitindo que ela se destaque entre as demais informações. Pode ou não ser seguida de *desenhos*, porém a recorrência são CFs com desenhos. No *corpus*, somente quatro CFs foram identificadas sem desenho.

É por que é costume o terceiro (ensino médio) fazer uma camisa pra usar como farda, e na camisa a gente coloca **um personagem infantil, um desenho** só pra zoar mesmo e nas costas uma frase que represente o ano (mas de zoeira tb). Aí eu faço parte da comissão do

⁴ Queremos agradecer, aqui, a loja de confecção Abadágio Brasil por nos fornecer os modelos de camisa de formatura do terceiro ano do Ensino Médio. E também, pelas informações quanto aos processos de confecção das CFs.

⁵ Disponível em: <<http://forms.tibiabr.com/showthread.php?t=146399>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

ano q vem só q a gente começa a preparar a camisa esse ano a votação vai ser terça-feira.⁶ [grifos nossos]

Os desenhos são, na maioria, personagens de desenhos animados transmitidos pelas emissoras de televisão, tais como: Os Incríveis, Pantera Cor de Rosa, Homem Aranha, Máscara, Pink e Cérebro, Papa Léguas e Bobby Esponja. Podem também ser personagens de filmes, como o fantasma do filme “Pânico”, ou celebridades como Sena (piloto de Fórmula 1).

Na parte das costas, além da frase, há os *nomes* dos alunos, da instituição e de seus funcionários. Os nomes dos alunos ocupam o centro e, às vezes, são seguidos pelos apelidos entre parênteses, por exemplo, José Antônio (Zezé). Quando há alunos com o mesmo nome, este é acompanhado pela letra inicial do sobrenome, assim, Valéria P., Valéria R. Interessante notar que esses alunos denominam-se de diversas maneiras: formandos, os incríveis, concluintes, os dominadores. E em uma das CFs analisadas, o aluno dono da camisa recebe o título de soldado, e os demais são distribuídos em sargento, atiradores, tenente, coronel e capitão.

O nome da instituição pode ou não aparecer; acompanhado ou não pelo nome da cidade e estado. Os nomes dos funcionários, professores, supervisores e diretor (a) também podem ou não aparecer. Às vezes, eles vêm acompanhados pelo nome da disciplina lecionada entre parênteses, por exemplo, Davidson (Ed. Fis.).

Observe que os internautas fazem referência aos nomes na parte das costas, demonstrando o domínio que estes usuários têm dos traços linguísticos do gênero CF:

frente: “você acha que só tem idiota na sua sala?”

atrás: “dê uma olhada na minha” (**nomes abaixo**).⁷ [grifos nossos]

Finalmente, o *ano* e a *série* são outras duas características recorrentes nas CFs. O quadro a seguir tenta ilustrar como esses elementos linguísticos - frase, nomes, ano e série, juntamente com os elementos visuais (os desenhos) - são configurados na camisa.

Quanto à sua *esfera de comunicação*, o gênero é produzido na esfera escolar por alunos que estão concluindo o Ensino Médio (terceiro ano). Desse modo, a situação discursiva é a formatura. Entre os diversos gêneros orais e escritos que ali são produzidos, tais como convite, certificado de conclusão, missa, colação, reuniões, encontramos também a CF. Observe que todos estes gêneros, portanto, formam um *sistema de gêneros* (BARZERMAN, 2005).

Cabe ressaltar que é um gênero produzido *coletivamente*, ou seja, não é um indivíduo sozinho que cria a CF, mas toda a turma.

⁶ Disponível em: <<http://www.upmasters.com/forum/index.php?showtopic=3941>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

⁷ Disponível em: <<http://forms.tibiabr.com/showthread.php?t=146399>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

Aqui na minha escola também tah um empasse na sala, ninguém tem uma ideia boa para a nossa camiseta. O problema é q a escola é adventista intaum não pode ter nada pesado, mais nós precisa de umas ideias aí! Falowz.⁸

As ideias apresentadas para as frases e desenhos passam por uma espécie de seleção na tentativa de agradar a turma em geral ou, pelo menos, a maioria. Em seguida, a camisa passa pela aprovação da administração da escola. Caso a resposta seja positiva, o rascunho (papel) com o modelo da camisa é levado para uma loja de confecção. Lá, o desenhista refaz o modelo da camisa, agora num programa de computador denominado *Corel Draw*. Depois de pronto, o desenhista preenche uma lista de pedidos em que constam algumas informações, tais como: quantidade e tamanho das blusas (baby look P, M e G ou normal P, M e G). Então, a partir do modelo e desta lista, uma tela é confeccionada e, finalmente, a CF é estampada no tecido.

Qualquer pessoa pode ser um leitor das CFs, contudo, podemos identificar um possível leitor virtual: os alunos das outras séries do colégio. Muitas vezes há uma competição dentro do colégio para eleger a CF mais bonita. Assim, a turma a produz pensando nesses alunos, ou melhor, na sua *responsiva ativa* (BAKHTIN, 2000).

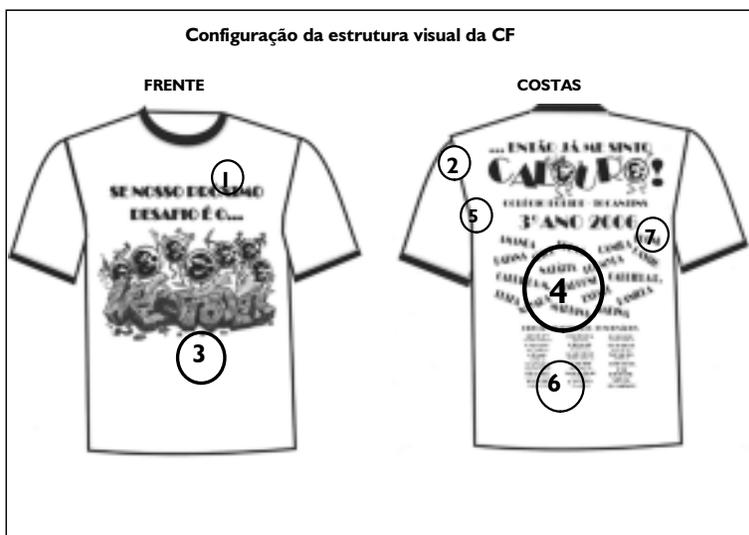


Foto-legenda: 1 - Início do enunciado; 2 - Término do enunciado; 3 - Desenho; 4 - Nomes dos alunos; 5 - Nomes dos funcionários; 6 - Nome da instituição de ensino; 7 - Ano e série.

⁸ Disponível em: <<http://www.casemodbr.com/forum/camiseta-de-formandos-t26108.html>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

tpw... na minha nem teve frase, mas a camisa saiu umas das mas bonitas que meu colégio já teve.foi toda pretona, e a ideia centra foi de matrix... no início do filme, num aparece o nome Matrix vindo no centro da tela e atrás aqueles códigos todos? sim... o nome central na camisa veio terceiroço e ao invés dos códigos, vinha os apelidos ou os nomes da galera toda. falando assim, vc acha meio simples... mas quando a camisa ficou pronta o colégio todo pago pau.⁹

A *finalidade comunicativa* do gênero, portanto, é *entretter* e *exibir*. Por meio das CFs, os alunos, além de mostrar que são formandos, constroem uma imagem positiva deles, isto é, que são ótimos alunos, como na CF em que os alunos se denominam “Os incríveis”.

Os enunciados evidenciam um *estilo* bastante informal do gênero. O estilo está ligado à expressividade do locutor, que, neste caso, faz uso de enunciados cristalizados, como: “Somos brasileiros e não desistimos nunca” e “A arte de sermos loucos consiste em não fazermos a loucura de sermos normais”.

Nota-se também o emprego de metáforas. Segundo Lakoff & Johnson (1980), as metáforas são criadas com o propósito de explicar a maneira como percebemos o mundo, nossos comportamentos no dia a dia entre outras coisas. Assim, ela não está presente somente na linguagem, mas na nossa vida cotidiana, no pensamento e na ação. Na frase: “Não é possível subir na vida por um simples elevador, temos que subir uma escada, degrau por degrau!” encontrada em uma das CFs, “subir” é uma metáfora orientacional, cujo fundamento parte de uma experiência corpórea, em que status é relacionado à vitalidade, postura ereta. “Elevador” também é uma metáfora da forma como algumas pessoas adquirem certo status, por exemplo, por meio de padrinhos. As palavras “escada” é a metáfora de estudo, que para alguns significa uma atividade cansativa, como subir uma escada. Já as séries, que indicam o grau de conhecimento do aluno, são representadas metaforicamente por “degraus”.

O locutor ainda faz um jogo com as palavras. Na parte da frente, o leitor é induzido a compreender um léxico num sentido específico, contudo, na parte das costas, ele descobre que a palavra se refere a um outro sentido. Um exemplo disto pode ser constatado numa CF cujo enunciado inicial é “Tomamos todas” e embaixo um desenho de um leão segurando um copo de cerveja (sendo este leão tanto a metáfora de *rei da selva* quanto uma imagem que remete ao *bar Leão*, que os universitários da UFV costumam frequentar nos fins de semana). Aqui, o leitor compreende o verbo tomar, unicamente no sentido de beber. Contudo, ao ler a parte de trás, ele descobre que na verdade se trata também do verbo tomar no sentido de conseguir, “até as vagas nas universidades!”.

Outro aspecto que também deve ser considerado numa análise de configuração do gênero é a *estrutura composicional*. Ela está relacionada à forma como o locutor constrói o seu enunciado, a fim de provocar em seu interlocutor uma resposta. Nas CFs, os enunciados são predominantemente assertivos e descritivos.

⁹ Disponível em: <<http://forms.tibiabr.com/showthread.php?t=146399>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

Os enunciados descritivos têm uma estrutura simples e apresentam o predomínio de sequências de localização, por exemplo: “Tomamos todas, até as vagas nas universidades”; “O futuro não é uma questão de sorte, mas sim de escolhas”; “Nosso próximo objetivo é conquistar novas vitórias” e “Engana-se quem pensa que me alistei no TG, meu objetivo é a UFV”.

Embora o predomínio seja de enunciados descritivos, em alguns casos as CFs apresentam enunciados com outros tipos textuais. Por exemplo, o tipo textual injuntivo foi identificado em três CFs, com as seguintes frases: “Não *fique* de bobeira, depois do vestibular quem é do colégio Raiz aparece!”; “Coluni, *liberte* sua mente” e “Não *entre* em pânico, heróis em ação!”.

Note-se que os verbos, nessas sequências linguísticas, estão no imperativo. Segundo Marcuschi (2003a, p. 28), pelo fato de os textos injuntivos apresentarem o predomínio de sequências imperativas, são incitadores de ação.

Notamos ainda o uso frequente dos operadores argumentativos até e mais. Por exemplo, “Tomamos todas, até as vagas nas universidades”; “O futuro não é uma questão de sorte, *mas* sim de escolhas” e “Em breve seremos arquitetos, engenheiros, economista, médicos, dentistas, jornalista, físicos, publicitários, veterinários, químicos, advogados... até vagabundos”.

Como as CFs são produzidas por alunos que estão concluindo o Ensino Médio, o tema, ou seja, os objetos do discurso são a formatura e, principalmente, o vestibular: “Se nosso próximo desafio é o vestibular, então já me sinto calouro!” e “Não *fique* de bobeira, depois do vestibular quem é do Colégio Raiz aparece!”.

Essa preocupação do formando em fazer um curso superior revela uma sociedade que desvaloriza as profissões que exigem um trabalho “braçal”, tais como: carpinteiro, pedreiro, carteiro, faxineiro, entre outras. Essa visão tem origem nos tempos coloniais, quando o negro, escravo, não tinha acesso à Educação formal e era responsável pelos serviços “braçais”, enquanto os filhos dos grandes fazendeiros iam estudar Direito ou Medicina nos melhores colégios da Europa. Não deve ser à toa também que essas palavras são terminadas pelo sufixo “eiro”, que tem um sentido pejorativo, como nas palavras: maconheiro, cachaceiro, bagueiro. Numa das camisas analisadas, o locutor diz o seguinte: “Em breve seremos arquitetos, engenheiros, economista, médicos, dentistas, jornalista, físicos, publicitários, veterinários, químicos, advogados... até vagabundos”, nota-se que ele só seleciona profissões que precisam do ingresso numa universidade. Essa ideia de que o “diploma” é o único meio de o indivíduo ter uma condição de vida melhor está estritamente ligada a um projeto econômico e político-pedagógico que tenta promover a continuação dos estudos.

Em uma das camisas de nosso *corpus*, o locutor desfaz da profissão de militar, que até pouco tempo era valorizada, e diz que seu objetivo é a UFV, ou seja, um diploma, “Engana-se quem pensa que me alistei no TG, meu objetivo é a UFV”.

Ainda podemos dizer que em relação ao querer dizer dos interlocutores, neste caso, dos alunos, esse querer dizer não pode ir de encontro às normas, crenças e valores da escola.

Aqui na minha escola também tah um empasse na sala, ninguém tem uma ideia boa para a nossa camiseta. O problema é q **a escola é adventista** intaum não pode ter nada pesado, mais nós precisa de umas ideias aí!

Falowz.¹⁰ [grifo nosso]

A condição acima é muito similar ao que acontece com o jornalista que escreve suas matérias de acordo com a posição político-social do Jornal.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os resultados obtidos, até o momento, na análise dos elementos linguístico-discursivos, podemos concluir que as CFs podem ser descritas como gêneros discursivos. Contudo, ainda não é muito nítida a relação que este gênero possui com seu suporte. Portanto, as hipóteses levantadas devem ser estudadas com mais profundidade, principalmente a hipótese de letra C que trata da questão do hipergênero.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 279-326.

BAZERMAN, C. Atos de Fala, Gênero Textuais e Sistemas de Atividade: como os textos organizam atividades e pessoas. In: **Gêneros textuais, tipificações e interação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 19-46.

BONINI, A. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem a abordagem de Bakhtin. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p. 61-77.

BARROS, F. Fascinante evolução. In: **A História da Camiseta**. Cia.Hering. 1988, p. 81-95.

BRAITH, Beth. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAITH, B. (Org). **Bakhtin: outros conceitos-chaves**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-78.

_____. Esfera e campo. In: BRAITH, B. (org). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.casemodbr.com/forum/camiseta-de-formandos-t26108.html>>. Acesso em: 14 fev. 2008.

JAPIASSU, C. Outdoors em movimento. In: **A História da Camiseta**. Cia.Hering. 1988. p. 81-95.

JOFFILY, R. Um personagem que faz história. In: **A História da Camiseta**. Cia.Hering. 1988. p. 9-21.

MARCIEL, L.C. Vestindo sonhos e ideais. In: **A História da Camiseta**. Cia.Hering. 1988. p. 61-70.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A.(Org.) **Gêneros Textuais e ensino**. São Paulo: Lucerna, 2003. p.19-36.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (Org.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005. p.61-77.

MARCUSCHI, L.A. A questão do suporte dos gêneros textuais. **Língua linguística e literatura**. João Pessoa, v. I, n. I, p. 9-40, 2003.